INTRODUÇÃO À **HERMENÊUTICA** E À **EXEGESE** DA **EPÍSTOLA A FILEMOM**

J. S. Nascimento

Nascimento Editora

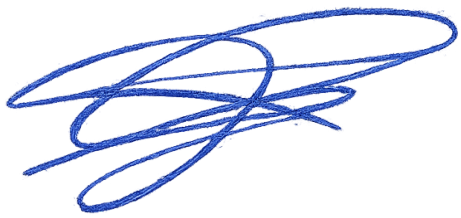
Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

Ass: J. S. Nascimento †

Jairo de Sousa Nascimento†

O documento está assinado e certificado pelo Gov.br, com integridade garantida no padrão ICP-BRASIL.
Assinaturas eletrônicas e físicas têm igual validade legal, conforme **MP 2.200-2/2001 e Lei 14.063/2020.**

Como validar essa assinatura: *Renomeie este Arquivo para:* **EPÍSTOLA_A_FILEMOM_*assinado.pdf*** *Acesse o link: https://validar.iti.gov.br/ Concorda com os termo de responsabilidade, e anexe o Arquivo Renomeado, depois só Clique em* ***Validar***



SOBRE A EDITORA

A Nascimento Editora possui identidade confessional definida, operando integralmente sob uma cosmovisão cristã reformada, ***submissa à Autoridade Suprema das Santas Escrituras como Regra infalível de Fé e Prática.*** Toda tradição teológica é recebida de forma subordinada à Palavra de DEUS, com especial adesão aos Símbolos de Fé da tradição reformada, particularmente à ***Confissão de Fé de Westminster*** e aos seus Catecismos.

Toda a produção da Nascimento Editora converge para o Soli Deo Gloria: a glória exclusiva do DEUS Trino — PAI, FILHO e ESPÍRITO SANTO — na criação, na redenção e na consumação de todas as coisas. Como está escrito: “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (Romanos XI:xxxvi).

A Nascimento Editora não se considera dona da verdade, mas serva da Palavra. Suas publicações são oferecidas à Igreja para exame, sempre segundo o princípio: “Examinai tudo; retende o bem” (I Tessalonicenses V:xxi).

Sábado, 25 de julho de 2026

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade

INTRODUÇÃO À HERMENÊUTICA

A. PRÓLOGO

A contemplação da brevíssima epístola endereçada a Filemom, embora concisa em extensão, encerra em suas entranhas uma teologia de tal densidade que os séculos não lograram esgotar-lhe o significado. Nela, o apóstolo Paulo, já entrado na maturidade do ministério e algemado em Roma, não discorre sobre os mistérios da eleição eterna, como em Efésios, nem sobre a justificação pela fé, como em Romanos; antes, toma um caso particular — o retorno de Onésimo, escravo fugitivo, ao seu senhor — e, com a pena de um pastor e a alma de um teólogo, eleva uma questão doméstica à categoria de paradigma da graça reconciliadora de CRISTO. Esta carta é um diamante lapidado em poucas facetas, cujo brilho reflete a própria essência do Evangelho: a substituição, a mediação, a comunhão dos santos e a transformação das relações humanas pelo poder da Palavra sustentadora que, mesmo em cadeias, liberta os cativos e restaura os quebrados. O presente estudo não se contentará com uma leitura superficial, antes adentrará o santuário do texto, guiado pela fé que é dom e iluminado pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo. Procederemos com a gravidade que o assunto requer, certos de que a Escritura é autopistós e que sua clareza essencial, nos pontos centrais da fé, não dispensa o trabalho diligente de comparar as coisas espirituais com as espirituais.

B. AUTORIA, DATA E CIRCUNSTÂNCIAS HISTÓRICAS

A autoria paulina desta epístola é atestada pelo próprio texto, que se inicia com o nome de Paulo, prisioneiro de CRISTO JESUS, e pelo testemunho unânime da Igreja primitiva, que a recebeu no cânon como genuína. A crítica moderna, em sua volúvel curiosidade, tem intentado lançar dúvidas sobre a autenticidade de algumas das cartas da prisão, mas quanto a Filemom o consenso é praticamente unânime, pois o estilo, o vocabulário e a teologia são inequivocamente paulinos. A data da composição situa-se no período do primeiro cativeiro romano do apóstolo, por volta dos anos 60-62 d.C., durante o reinado de Nero. As circunstâncias históricas são singulares: Paulo escreve de uma prisão domiciliar em Roma, onde aguarda julgamento imperial, e dirige-se a Filemom, um cristão proeminente da cidade de Colossos, cuja casa servia de igreja local. Onésimo, escravo de Filemom, fugira — talvez após algum delito — e, por uma providência admirável, encontrara Paulo na capital do império, fora conduzido à fé em CRISTO e agora, transformado pelo Evangelho, deveria retornar ao seu senhor, não mais como escravo fugitivo, mas como irmão amado. A carta é, portanto, o instrumento da reconciliação, que o apóstolo, como mediador, conduz com tato pastoral e autoridade apostólica, sem impor seus direitos, mas apelando ao amor e à fé do destinatário. Este pano de fundo histórico revela que a soberania divina entrelaça os

fios mais intrincados da vida humana — a fuga de um escravo, o encontro com o apóstolo, a conversão, e o retorno — para tecer o desígnio eterno da glória de DEUS.

C. PROPÓSITO E TEMA CENTRAL

O propósito imediato da epístola é claro: Paulo escreve para interceder por Onésimo, solicitando que Filemom o receba de volta, não como escravo, mas como irmão em CRISTO, perdoando-lhe qualquer dívida passada. Mas o propósito mediato, que alcança a intenção do ESPÍRITO, transcende a circunstância particular. Esta carta é uma exposição prática da doutrina da reconciliação e da comunhão dos santos, demonstrando que o Evangelho de CRISTO subverte as estruturas humanas de dominação e alienação, não por revolução externa, mas pela transformação interior da graça. O tema central é a suficiência da mediação de CRISTO e o poder da graça para restaurar relações quebradas, criando uma nova humanidade na qual distinções sociais e étnicas são relativizadas pela identidade comum em CRISTO. Paulo não abole a instituição da escravidão com um édito, mas a mina por dentro, ao declarar que o escravo é irmão e que o senhor é devedor do mesmo amor. A epístola é, ademais, um tratado sobre a autoridade pastoral: o apóstolo, que poderia ordenar, prefere suplicar; que poderia impor, prefere persuadir, mostrando que o ministério da graça se exerce não pela coerção, mas pela liberdade do amor. Assim, o propósito de Filemom é edificar a Igreja na prática da reconciliação e na esperança de que a Palavra Fundante, que sustenta o cosmos, também sustenta e reorienta os mais humildes vínculos humanos.

D. ESTRUTURA LITERÁRIA E TEOLÓGICA

A arquitetura desta epístola, embora singela, obedece a um padrão teológico que reflete a pedagogia da graça. A estrutura pode ser delineada em três movimentos principais, que constituem um crescendo pastoral:

i. A saudação e a ação de graças (Philem. I, i–vii): Paulo apresenta-se como prisioneiro, não de César, mas de CRISTO JESUS, estabelecendo desde o início a natureza espiritual de sua autoridade. Segue-se a ação de graças pela fé e pelo amor de Filemom, que redundam em refrigério para os santos, e o apóstolo expressa a alegria que lhe advém da comunhão com o destinatário.

ii. A intercessão por Onésimo e o apelo pastoral (Philem. I, viii–xxi): O coração da carta. Paulo, que tem plena autoridade para ordenar, prefere rogar por amor, e apresenta Onésimo como seu filho gerado nas cadeias, agora útil tanto ao apóstolo quanto ao senhor. Ele se oferece como fiador de qualquer dívida de Onésimo,

aplicando-se a si mesmo o princípio da substituição vicária, e pede que Filemom o receba como a próprio Paulo.

iii. A conclusão e os cumprimentos finais (Philem. I, xxii–xxv): Paulo manifesta a esperança de ser libertado e visitar Filemom, e encerra com saudações dos cooperadores e a bênção da graça do SENHOR JESUS CRISTO.

Esta estrutura não é meramente retórica, mas teológica: a saudação estabelece a comunhão, a intercessão aplica a doutrina da reconciliação, e a conclusão aponta para a esperança escatológica. A epístola, como um microcosmo do Evangelho, revela a ordem da graça: primeiro, a posição do crente em CRISTO; depois, a prática da reconciliação; e, finalmente, a esperança da consumação.

E. TEMAS TEOLÓGICOS EXTRAÍDOS DO LIVRO

Ainda que breve, a Epístola a Filemom é um campo fértil de doutrina, onde cada verso germina em verdades perenes. Extraímos os seguintes temas fundamentais:

i. A Mediação e a Substituição Vicária. Paulo, ao oferecer-se para pagar a dívida de Onésimo — “põe tudo na minha conta” (Philem. I, xviii) — torna-se um tipo de CRISTO, que se ofereceu como fiador e substituto dos pecadores. Esta ação ilustra a doutrina da imputação: a dívida do escravo é transferida para o apóstolo, assim como a culpa do crente é transferida para CRISTO, que a satisfez na cruz. A mediação de Paulo é uma sombra da mediação única de CRISTO, que intercede pelos seus e paga o preço da reconciliação.

ii. A Transformação Radical do Pecador pela Graça. Onésimo, cujo nome significa “útil”, era antes inútil a Filemom, provavelmente em razão de sua fuga e possível furto. Mas, pela graça de DEUS, ele se torna útil — não apenas como escravo, mas como irmão. Esta transformação não é meramente social, mas ontológica: a regeneração opera uma mudança de natureza, de modo que o velho homem é substituído pelo novo, e as relações humanas são reorientadas pela comunhão em CRISTO. A graça não apaga a identidade pessoal, mas a resgata e a eleva para o serviço do Reino.

iii. A Comunhão dos Santos e a Reversão das Estruturas Sociais. Paulo não condena a escravidão em termos abstratos, mas a subverte na prática, ao chamar Onésimo de “irmão amado” (Philem. I, xvi) e ao requerer que Filemom o receba como a próprio apóstolo. A comunidade cristã é uma nova família, onde o escravo e o senhor se sentam à mesma mesa, participam do mesmo pão, e são membros do mesmo Corpo. Esta comunhão não anula as diferenças de função, mas transcende a

hierarquia mundana pela igualdade espiritual, prenunciando a consumação onde todas as distinções serão abolidas na presença de DEUS.

iv. A Autoridade Pastoral Exercida no Amor. Paulo poderia ter ordenado a Filemom, com a autoridade de apóstolo, que recebesse Onésimo; mas prefere rogar “pelo amor” (Philem. I, ix). Este é o caráter do ministério cristão: não é domínio sobre a fé, mas cooperação para a alegria. A autoridade legítima, na Igreja, não se impõe pela força, mas pela persuasão da graça, reconhecendo que o ESPÍRITO opera no coração dos crentes e que a obediência voluntária é mais preciosa que a submissão forçada.

v. A Esperança Escatológica e a Libertação Final. Paulo expressa a esperança de ser liberto e visitar Filemom (Philem. I, xxii), o que aponta para a certeza de que as cadeias do apóstolo não são eternas e que a liberdade plena virá na consumação. Assim, a carta antecipa o tempo em que todas as algemas serão quebradas e todos os servos serão livres, quando o SENHOR JESUS CRISTO voltar e instaurar o Reino de justiça e paz.

F. HERMENÊUTICA APLICADA: PRINCÍPIOS DE INTERPRETAÇÃO

A interpretação desta epístola, para que seja fecunda e fiel, deve observar princípios que decorrem da própria natureza da Escritura. Em primeiro lugar, o princípio da analogia da fé (analogia fidei): as verdades ensinadas em Filemom devem ser compreendidas à luz do conjunto do cânon, especialmente das doutrinas da justificação, da adoção e da reconciliação, expostas em Romanos e Efésios. A mediação de Paulo por Onésimo é uma ilustração, não a fonte, da mediação de CRISTO. Em segundo lugar, o princípio cristocêntrico: a epístola, embora trate de um caso particular, aponta para a obra de CRISTO como o verdadeiro Mediador, que reconcilia os inimigos e os torna filhos. Cada aspecto da intercessão de Paulo — a substituição, o apelo ao amor, a restauração da comunhão — reflete a obra do FILHO. Em terceiro lugar, o princípio da intenção pastoral: o texto não é um código jurídico para a abolição da escravidão, mas um princípio espiritual que orienta a Igreja na prática do amor e da reconciliação, em qualquer época e contexto. O intérprete deve extrair o princípio subjacente — a graça que transforma relações — e aplicá-lo às estruturas de opressão e alienação contemporâneas. Em quarto lugar, o princípio da iluminação do ESPÍRITO: o homem natural não compreende as coisas do ESPÍRITO; portanto, a exegese deve ser acompanhada de oração, para que os olhos do entendimento sejam iluminados e o texto seja não apenas entendido, mas vivido.

G. CONCLUSÃO GERAL

Concluímos, pois, que a Epístola a Filemom é um tesouro teológico de inestimável valor, onde a doutrina da reconciliação e da comunhão dos santos é aplicada a uma situação concreta com a ternura de um pastor e a profundidade de um teólogo. A hermenêutica que adotamos — fundamentada na autopistia da Escritura, na cristocentricidade, na analogia da fé, na intenção pastoral e na iluminação do ESPÍRITO — nos prepara para adentrar o campo da exegese, onde cada versículo será desdobrado em suas riquezas. A mensagem de Filemom é perene: a graça de DEUS, que opera em CRISTO, é capaz de transformar as relações mais quebradas, de restaurar a comunhão perdida, e de fazer do escravo um irmão, do fugitivo um filho, e do devedor um credor do amor. E tudo isso converge para a glória exclusiva do DEUS Trino — Soli Deo Gloria — a quem seja o louvor, a honra e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém.

INTRODUÇÃO À EXEGESE

Adentramos, pois, o campo sagrado da exposição analítica do texto, onde cada palavra, por mais humilde que pareça, é inspirada por DEUS e proveitosa para ensinar, redarguir, corrigir e instruir em justiça. A Epístola a Filemom, embora breve, é uma mina de ouro doutrinário; cada versículo é uma pérola que reflete a luz da graça. A exegese que ora se segue não é um exercício de mera erudição, mas uma escuta atenta da voz do ESPÍRITO, que através do apóstolo algemado fala à Igreja de todos os tempos. Caminhemos com reverência, certos de que a Palavra sustentadora que mantém os astros em suas órbitas é a mesma que, nestas linhas, reorienta as relações humanas e proclama a reconciliação em CRISTO. Não nos contentaremos com uma leitura superficial; antes, desceremos às entranhas do texto, guiados pela analogia da fé e iluminados pelo mesmo ESPÍRITO que inspirou o apóstolo, para que a verdade nos seja não apenas conhecida, mas vivida, para glória do DEUS Trino.

A SAUDAÇÃO E A AÇÃO DE GRAÇAS (Philem. I, i–vii)

i. O prisioneiro e o destinatário da graça (i–iii)

Paulo, que se apresenta como “prisioneiro de CRISTO JESUS”, não como prisioneiro de César ou de suas algemas, estabelece desde o limiar da epístola a natureza espiritual de sua autoridade. As cadeias que o constrangem são, aos olhos da fé, instrumentos de sua comunhão com o SENHOR sofredor; sua prisão não é desgraça, mas distintivo de um ministério que se exerce na fraqueza, para que o poder de DEUS se aperfeiçoe. Dirige-se a Filemom, amado e cooperador, e à Igreja que se reúne em sua casa, mostrando que a epístola, embora pessoal, possui dimensão comunitária: a reconciliação de Onésimo não é assunto privado, mas matéria de edificação de todo o Corpo. A saudação — “Graça a vós, e paz, da parte de DEUS nosso PAI, e do SENHOR JESUS CRISTO” — é a mesma que abre todas as epístolas paulinas, e aqui carrega peso peculiar: a graça que justifica o ímpio é a mesma que reconcilia o fugitivo; a paz que excede todo entendimento é a mesma que apazigua o senhor ofendido. Paulo não invoca benção secular, mas a benção trinitária, pois a reconciliação

verdadeira procede do PAI, é mediada pelo FILHO e aplicada pelo ESPÍRITO na comunhão dos santos.

ii. Ação de graças pela fé e pelo amor que refrigeram os santos (iv–vii)

O apóstolo, em suas orações, não se esquece de Filemom; antes, dá graças a DEUS, mencionando-o sempre, porque ouviu falar da sua fé no SENHOR JESUS e do seu amor para com todos os santos. A fé e o amor são as duas asas da vida cristã: a fé olha para cima, para CRISTO; o amor olha para os lados, para os irmãos. E Filemom não é um crente estéril; sua fé se torna operosa pelo amor, e este amor se manifesta em refrigério para os santos — palavra que evoca o descanso, o alívio, a consolação que uma comunidade piedosa proporciona aos que estão cansados e sobrecarregados. Paulo ora para que a comunicação da fé de Filemom seja eficaz no pleno conhecimento de todo o bem que há em nós para com CRISTO. A "comunicação da fé" não é apenas o ato de compartilhar doutrina, mas a participação viva na graça comum, que se expressa em hospitalidade, auxílio e perdão. O apóstolo confessa que teve grande gozo e consolação no amor de Filemom, porque por ele os corações dos santos foram refrigerados. Este é o prelúdio da intercessão: Paulo não apela a um homem duro ou mesquinho, mas a um irmão cujo amor já é conhecido e comprovado; a graça que já opera em Filemom é a mesma que o capacitará a receber Onésimo como irmão. A ação de graças, pois, é o fundamento da súplica: antes de pedir, Paulo agradece; antes de exortar, ele louva, seguindo o método divino de que a gratidão prepara o coração para a obediência voluntária.

A INTERCESSÃO POR ONÉSIMO E O APELO PASTORAL (Philem. I, viii–xxi)

i. O apelo pelo amor, em lugar da autoridade (viii–ix)

Paulo introduz sua petição com uma distinção magistral: ele poderia, com plena autoridade em CRISTO, ordenar a Filemom o que convém; mas prefere rogar "pelo amor". A autoridade apostólica não é um cetro de dominação, mas uma vara de serviço; o ministério evangélico não se impõe pela força, mas pela persuasão da graça. Paulo, que é "prisioneiro de CRISTO JESUS", apela a Filemom não como um juiz, mas como um irmão que compartilha das mesmas algemas espirituais. E o motivo do apelo é duplo: a idade avançada do apóstolo — pois Paulo já é "velho" — e a sua atual condição de prisioneiro, que lhe confere uma autoridade moral e pastoral singular. O ancião e o prisioneiro, ambos sinais da fraqueza humana, tornam-se poderosos instrumentos de intercessão, porque a graça de DEUS se manifesta na fragilidade. Paulo não usa sua posição para coagir, mas para suplicar; não exige, mas pede; não ordena, mas roga, para que a obediência de Filemom seja voluntária e não forçada, e para que o amor, e não o medo, seja o móvel da reconciliação.

ii. Onésimo: filho gerado nas cadeias (x–xi)

Paulo apresenta Onésimo com uma dupla qualificação: “meu filho, que gerei nas minhas prisões”. A geração espiritual não é um ato biológico, mas uma obra do ESPÍRITO mediante a pregação do Evangelho; e Paulo, mesmo acorrentado, não cessou de anunciar a Palavra. Onésimo é fruto do ministério carcerário, prova de que a Palavra de DEUS não está algemada. O apóstolo o chama de “filho” — termo de afeto e de autoridade —, estabelecendo um vínculo pactual que transcende a relação escravocrata. E, com um jogo de palavras que só a providência poderia arquitetar, Paulo declara que Onésimo (cujo nome significa “útil”) foi antes inútil, mas agora é útil a ele e a Filemom. A inutilidade anterior — provavelmente a fuga e o possível furto — é contrastada com a utilidade presente, que não é meramente funcional, mas relacional: Onésimo é útil porque é irmão, porque a graça o transformou de ladrão em filho, de fugitivo em cooperador. A regeneração não apenas perdoa o pecado, mas transforma o caráter, de modo que o que era perda se torna ganho, e o que era escândalo se torna edificação.

iii. O envio e a súplica: recebe-o como a mim mesmo (xii–xiv)

Paulo envia Onésimo de volta a Filemom, mas não como um objeto devolvido ao seu proprietário; ele o envia como “as minhas entranhas” — expressão de profundo afeto, indicando que o escravo se tornara parte do próprio coração do apóstolo. A separação é dolorosa, mas necessária para a reconciliação. Paulo manifesta o desejo de reter Onésimo para que o servisse em suas cadeias, mas não quer fazer nada sem o consentimento de Filemom, para que o benefício não fosse como que forçado, mas voluntário. Este é o princípio da liberdade cristã: mesmo em atos de misericórdia, a vontade do irmão deve ser respeitada, e a cooperação deve ser espontânea, não extorquida. Paulo reconhece que Filemom tem direitos sobre seu escravo, mas os subordina à dinâmica do amor; ele não viola a ordem social, mas a eleva ao plano da graça. O apóstolo, ao abrir mão de seu próprio conforto para restaurar a relação entre senhor e escravo, dá um exemplo de abnegação que espelha o sacrifício de CRISTO, que se esvaziou a si mesmo para nos reconciliar com DEUS.

iv. A providência soberana e a nova relação eterna (xv–xvi)

Paulo oferece uma interpretação teológica do ocorrido: “Porventura se apartou de ti por um pouco de tempo, para que o recebesses para sempre”. A fuga de Onésimo, que parecera aos olhos humanos um ato de rebelião, é reivindicada como parte do decreto divino. A providência soberana de DEUS, que sustenta todas as coisas pela Palavra do Seu poder, entrelaça os fios da desobediência humana para tecer o propósito da redenção. Onésimo se apartou para ser reconciliado; fugiu para ser encontrado; perdeu-se para ser ganho. E a nova relação é “não já como servo, mas mais do que servo, como irmão amado” — uma declaração que subverte a ordem escravocrata,

ainda que não a abola formalmente. A fraternidade em CRISTO é mais profunda que qualquer vínculo social; a comunhão dos santos transcende a hierarquia mundana, sem, todavia, destruí-la, antes a transformando de dentro. Paulo estende esta relação a si mesmo e a Filemom: “quanto mais a ti, assim na carne como no SENHOR”. Na carne, Onésimo é servo; no SENHOR, é irmão. As duas dimensões coexistem, mas a segunda é a que deve reger a primeira. O crente é chamado a viver no mundo, mas não segundo o mundo; a honrar as estruturas criadas, mas subordinando-as à nova criação que já irrompeu em CRISTO.

v. O fiador e a imputação: põe tudo na minha conta (xvii–xix)

Paulo atinge o ápice de sua intercessão: “Se me tens por companheiro, recebe-o como a mim mesmo”. A comunhão dos santos implica identificação: Onésimo é recebido como se fosse o próprio Paulo. E, se ele ofendeu Filemom em alguma coisa, Paulo se oferece como fiador: “Põe tudo na minha conta”. Esta é a linguagem da substituição vicária, que ecoa a obra de CRISTO, que tomou sobre Si a dívida dos pecadores e a satisfez na cruz. Paulo, escrevendo de próprio punho, declara: “Eu, Paulo, o escrevi de minha própria mão; eu o pagarei” — um ato solene de fiança, que lembra que o apóstolo não se coloca acima da justiça, mas a cumpre em amor. E, com uma fineza pastoral, Paulo lembra a Filemom: “para te não dizer que ainda a ti mesmo te deves a mim”. A dívida de Onésimo é pequena comparada à dívida espiritual que Filemom tem para com Paulo, que lhe anunciou o Evangelho e o conduziu à fé. A graça que Filemom recebeu o torna devedor de amor; e este amor o capacita a perdoar e a receber o irmão arrependido. A imputação, pois, não é uma doutrina abstrata, mas uma realidade vivida na comunidade cristã: uns tomam sobre si as cargas dos outros, e assim cumprem a lei de CRISTO.

vi. A confiança na obediência e o refrigério do coração (xx–xxi)

Paulo conclui sua intercessão com uma expressão de confiança: “Sim, irmão, eu me regozijarei de ti no SENHOR; refrigera o meu coração em CRISTO”. O apóstolo espera que Filemom atenda ao apelo, não por constrangimento, mas por amor, e que, ao fazê-lo, seja ele mesmo refrigerado, porque a obediência voluntária traz alegria ao Espírito. Paulo declara sua certeza de que Filemom fará ainda mais do que lhe pede — uma confiança que honra a graça de DEUS operando no coração do irmão. O apóstolo não manipula, não ameaça, não usa seu poder; antes, ele apela à consciência e ao amor, e deixa que a decisão seja fruto da livre resposta à graça. Este é o método do Evangelho: a coerção não tem lugar na nova aliança, pois o ESPÍRITO escreve a lei nos corações, e a obediência é a expressão espontânea da gratidão. Filemom, ao receber Onésimo, não apenas fará a vontade de Paulo, mas a vontade de DEUS, que, na consumação, fará todas as coisas novas.

A CONCLUSÃO E A ESPERANÇA DA LIBERTAÇÃO (Philem. I, xxii–xxv)

i. A expectativa da libertação e a preparação da hospitalidade (xxii)

Paulo manifesta a esperança de que, pelas orações da Igreja, lhe será concedida a liberdade, e então poderá visitar Filemom. Esta expectativa não é presunção, mas confiança na providência que sustenta todas as coisas. O apóstolo não sabe o dia da sua soltura, mas sabe que o SENHOR, que começou a boa obra, a completará. A preparação de uma pousada é um ato de fé: Filemom deve agir como se a visita fosse certa, pois a certeza da esperança não depende da visibilidade das circunstâncias, mas da fidelidade do DEUS que prometeu. Esta petição final revela que a reconciliação não encerra o relacionamento, mas o abre para uma comunhão ainda mais ampla: Paulo deseja conhecer pessoalmente o irmão cujo coração foi refrigerado pela graça. A libertação do apóstolo, se vier, será mais um testemunho do poder de DEUS sobre as algemas humanas; se não vier, sua permanência em cadeias será igualmente testemunho da suficiência da graça. Em qualquer caso, o crente espera no SENHOR, que é o mesmo ontem, hoje e eternamente.

ii. Saudações dos cooperadores e a bênção final (xxiii–xxv)

A epístola encerra-se com as saudações daqueles que estavam com Paulo em Roma: Epafras, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas. Cada nome é uma testemunha da comunhão dos santos, da rede de relacionamentos que o Evangelho tece entre os povos. Epafras, natural de Colossos, é um colaborador zeloso; Marcos, antes rejeitado, agora é útil para o ministério; Lucas, o médico amado, está presente; Demas, embora depois o tenha abandonado, ainda é mencionado — um lembrete da fragilidade humana. A diversidade de personagens reflete a unidade do Corpo, onde cada membro tem seu lugar e sua função, e todos são sustentados pela mesma Palavra. A bênção final — “A graça de nosso SENHOR JESUS CRISTO seja com o vosso espírito. Amém” — é a mesma que abre a epístola, formando um inclusio que sublinha que a graça é o alfa e o ômega da vida cristã. A graça que elege, que redime, que reconcilia e que santifica é a mesma que capacita o crente a viver em comunhão, a perdoar as ofensas, a receber o irmão arrependido, e a esperar a consumação de todas as coisas em CRISTO. O “Amém” final é a confirmação da fé e a antecipação da glória, quando DEUS será tudo em todos.

A presente Epístola, exaurida em sua análise, revela-se como um microcosmo do Evangelho: nela, a doutrina da reconciliação, da substituição vicária, da comunhão dos santos e da transformação da graça é aplicada a uma situação concreta com a mestria de um teólogo e a ternura de um pastor. Paulo, algemado em Roma, escreve não para abalar as estruturas sociais com um golpe revolucionário, mas para as minar por dentro, elevando o escravo à condição de irmão e o senhor à responsabilidade do amor. A exegese demonstrou que cada versículo é uma pedra preciosa no edifício da redenção: a saudação estabelece a autoridade espiritual; a ação de graças prepara o coração para a súplica; a intercessão desdobra a lógica da graça — o apelo pelo amor, a filiação gerada nas cadeias, a restauração da utilidade, a providência soberana que transforma a fuga em reconciliação, e a fiança que aplica o princípio da imputação; a conclusão aponta para a esperança escatológica e a comunhão dos cooperadores. A mensagem de Filemom é perene: a Igreja é chamada a ser uma comunidade de reconciliação, onde as distinções mundanas são relativizadas pela identidade comum em CRISTO, onde as ofensas são perdoadas pela graça, e onde o amor, vínculo da perfeição, rege todas as relações. Que o ESPÍRITO, pois, grave estas verdades em nossos corações, e que, como Filemom, recebamos os Onésimos que DEUS nos envia, não como servos, mas como irmãos amados, para glória do DEUS Trino

— Soli Deo Gloria.
Amém.

Per Iesum Christum Dominum nostrum

SOBRE O AUTOR

J. S. Nascimento (Jairo de Sousa Nascimento), presbiteriano, cuja vida e ministério são marcados por uma convicção inabalável: as Santas Escrituras são a única regra infalível de fé e prática, e toda a existência.

Nascido no interior do Ceará (Agosto de 1990), na cidade de Varjota-CE, e cresceu em Ipu-CE (após um curto período em Ararendá-CE (1997/1999)). onde experimentou desde a infância o rigor do trabalho e a **provisão da graça divina**. Filho de Ana Maria de Sousa Cunha e Francisco Gomes do Nascimento. Foi em Ararendá-CE onde **viu o lar ser desfeito pelo abandono paterno ainda na meninice** (1999), e, com sua mãe e irmãos, aprendeu que a verdadeira segurança não está nas estruturas humanas, mas na fidelidade do DEUS que não abandona os seus. Nesse mesmo ano, eles foram morar em Ipu-CE, ainda criança, já vendia picolés e pães pelas ruas; aos poucos, o trabalho árduo forjou-lhe o caráter, também fez parte da **Banda municipal Maestro Lázaro freire** de Ipu-CE, aluno de **Jorge Nobre do Sax**, nesse mesmo tempo **estudava** e trabalhava na lavoura (plantio de milho e feijão) ajudando seu Padrasto (Seu Raimundo), com isso, aprendeu a disciplina e a educação comum (2001 a 2011).

Em 2012, **movido pela providência divina**, mudou-se para Novo Hamburgo-RS (Rio Grande Do Sul), onde atuou na construção civil e na indústria, até que, em 2021, sentindo o chamado para uma nova etapa, formou-se em vigilante e, posteriormente (2025), como Técnico em Segurança do Trabalho. Contudo, o labor secular nunca foi para ele um fim em si mesmo, mas uma esfera onde a vocação cristã se expressa em diligência, integridade e serviço ao próximo.

Sua trajetória espiritual, porém, é o fio de ouro que atravessa toda a sua história. Criado em lar cristão e membro da Assembleia de Deus na infância e juventude, estudou Teologia pela FAITE (2016) e, posteriormente, convalidou seus estudos pela FAETEL (2018), obtendo o título de Bacharel em Teologia. Foi, porém, **ao estudar a sistemática de Wayne Grudem e, em 2019, ao congregar na Igreja Presbiteriana de Campo Bom-RS Pastoreada pelo Rev. Frank Brito. Suas convicções se firmaram no solo fértil da teologia reformada**, hoje mora desde 2024 em Açailândia-MA, ao lado de sua esposa, **Ana Cláudia Leal de Sousa**, com quem se casou em Maio de 2024, e com quem compartilha o propósito de edificar um lar que seja pequena igreja doméstica e germe do Reino de CRISTO, e servindo à igreja como diácono.

Seus fundamentos teológicos repousam sobre os fundamentos confessionais de Westminster, e sua cosmovisão é integrada pela doutrina da existência comunicada. Que o SENHOR JESUS CRISTO, Cabeça da Igreja, esteja sobre todos os santos, para edificação e para a glória exclusiva do DEUS Trino.

Nascimento Editora

Submissa à Palavra — Fiel à Confissão — Serva da Verdade